

Enid Blyton®

Os **CINCO**

E O CIRCO

OFICINA
DO LIVRO

ÍNDICE

1. O começo das férias	11
2. A grande ideia da Zé	21
3. A chegada das caravanas	29
4. A caminho!	37
5. A caminho do lago Merran	47
6. O acampamento do circo e o Ned	57
7. Um belo lanche e uma visita a meio da noite	67
8. Pelas colinas acima	77
9. Um encontro desagradável	87
10. Uma estranha mudança de atitude	97
11. O acampamento do circo	107
12. Um dia maravilhoso... com um fim horrendo	117
13. O Júlio pensa num plano	127
14. Um excelente esconderijo	137
15. Tanta coisa a acontecer!	145
16. Uma descoberta surpreendente	153
17. Outra visita do Dan e do Lou	163
18. No interior da colina	173
19. Presos debaixo de terra	183
20. Mais emoção	193
21. O David tem uma grande ideia!	203
22. O fim da aventura	213
23. Adeus, Ned! Adeus caravanistas!	221

1. O COMEÇO DAS FÉRIAS

— Adoro o começo das férias de verão! — disse o Júlio. — Sinto sempre que vão durar uma eternidade!

— Os primeiros dias costumam ser muito longos e pachorrentos — comentou a Ana, a irmã mais nova. — Mas depois passam a correr!

Os outros riram-se. Percebiam exatamente o que a Ana queria dizer.

— ão-ão — fez uma voz profunda, como se houvesse mais alguém plenamente de acordo.

— O *Tim* acha que tens razão, Ana — explicou a Zé, fazendo festas a um enorme cão ofegante, deitado junto a eles.

O David também lhe fez uma festa, e ambos receberam uma lambidela.

As quatro crianças estavam estendidas ao sol no jardim, na primeira semana de férias. Normalmente, teriam ido para casa da prima Maria José, em Kirrin, mas, desta vez, para variar, estavam em casa do Júlio, do David e da

Ana. O Júlio era o mais velho, um rapaz robusto, de rosto são e agradável. O David e a Maria José vinham a seguir. A Maria José, com o cabelo curto encaracolado, que a fazia parecer mais um rapaz do que uma rapariga, insistia em que a tratassem por Zé, e até os professores na escola lhe faziam a vontade. A Ana era a mais nova, embora, para sua grande alegria, estivesse finalmente a ficar mais alta.

— Hoje de manhã, o pai disse que, se não nos apetercer ficar aqui as férias todas, podemos escolher o que queremos fazer — lembrou a Ana. — Eu voto que fiquemos aqui!

— Podíamos ir passar uma semanita ou duas fora — contrapôs o David. — Só para variar um bocadinho...

— Querem ir para Kirrin, para estarmos uns dias com os pais da Zé? — sugeriu o Júlio, pensando que a ideia talvez agradasse à prima.

— Não — respondeu ela, de imediato. — Fui a casa nas férias intercalares, e a mãe disse que o pai estava a começar uma das suas experiências, já não sei sobre o quê. E vocês sabem o que é que *isso* quer dizer! Se formos para lá, temos de andar sempre em bicos de pés, falar em surdina e arranjar maneira de nem sequer nos cruzarmos com ele!

— Essa é a pior parte de se ter um pai cientista — comentou o David, deitando-se de costas e fechando os olhos. — E a tua mãe não ia conseguir aturar-nos a nós e ao teu pai ao mesmo tempo. Com ele no meio das tais experiências, havia de ser bonito...

— Eu gosto do tio Alberto, mas morro de medo quando ele tem um daqueles ataques de mau génio — disse a Ana. — Grita tanto!

— Nesse caso, não vamos para Kirrin, está decidido — concluiu o Júlio, com um bocejo. — Pelo menos, nestas férias. Podes sempre ir passar uma semana com eles, se quiseres, Zé. E entretanto, o que fazemos? Ficamos por cá?

Estavam deitados de costas, esparramados ao sol, de olhos fechados. A tarde pusera-se muito quente, e o pobre *Tim* estava sentado ao lado da Zé, com a língua rosada de fora, arquejando ruidosamente.

— Não faças isso, *Tim* — pediu a Ana. — Parece que correste a maratona, e ainda me fazes mais calor!

Querendo ser simpático, o cão pousou a pata em cima da barriga da pequena, fazendo-a soltar um guincho.

— Oh, *Tim*! Que pata tão pesada! Tira-a de cima de mim, se fazes favor!

— Sabem, eu acho que seria bem divertido se nos deixassem ir para qualquer lado sozinhos — disse a Zé, mordiscando um pedaço de relva, enquanto contemplava o céu muito azul. — Nunca nos divertimos tanto como quando estivemos só nós na ilha de Kirrin. Não podíamos ir passar uns dias a algum lado, sem mais ninguém?

— Mas aonde? — retorquiu o David. — E como? A verdade é que não temos idade para conduzir. Embora eu tenha a certeza de que seria perfeitamente capaz de guiar um carro. E não vale a pena ir de bicicleta, porque a Ana não consegue pedalar tão depressa como nós.

— E há sempre alguém que arranja maneira de furar um pneu... — acrescentou o Júlio.

— Seria bem giro irmos a cavalo... — alvitrou a Zé.
— Só é pena não termos nenhum.

— Temos, sim! — corrigiu-a o David. — Há o *Dobby*, que está lá em baixo, no prado. É nosso. Dantes, era ele que conduzia a charrete, mas como agora já não a usamos, o pobre bicho não faz nada para além de pastar.

— Um cavalo não chega para nós os quatro, idiota — disse a Zé. — O *Dobby* não nos serve para nada!

Seguiu-se um longo silêncio, enquanto todos meditavam ociosamente sobre as férias que tinham pela frente. O *Tim* caçou uma mosca, produzindo um estalido sonoro com os dentes.

— Quem me dera conseguir apanhar moscas assim com tanta facilidade — desejou o David, sacudindo uma varejeira. — Anda cá apanhar esta, *Tim*!

— E umas férias a pé? — arriscou o Júlio, após uma pausa.

Caiu-lhe toda a gente em cima.

— O quê? Com este tempo? Só podes estar maluco!

— Nem nos iam deixar!

— Está bem, está bem — disse o Júlio. — Vejam lá se têm uma ideia melhor!

— Eu cá gostava de um sítio onde pudéssemos nadar — disse a Ana. — Perto de um lago, por exemplo, se não der para ir para a beira-mar.

— Não soa nada mal — concordou o David. — Oh, tenho tanto sono! Vamos lá pensar em alguma coisa depressa, que eu já estou mais para lá do que para cá.

Mas não era nada fácil. Ninguém queria ir para um hotel — os adultos insistiriam, por certo, em ir também, para tomar conta deles. E nenhum dos quatro estava com grande vontade de fazer longas caminhadas nem de enfrentar a estrada de bicicleta no tempo quente de julho.

— Bem, tudo indica que vamos mesmo ter de passar as férias enfiados em casa — concluiu o Júlio. — E agora... vou mas é passar pelas brasas!

Ao fim de dois minutos, toda a gente ressonava na relva, exceto o *Tim*. Quando a família adormecia assim, em conjunto, o cão considerava-se de guarda. Deu à dona uma grande lambidela no nariz e sentou-se, muito direito, ao lado dela, com as orelhas arrebitadas e os olhos alerta. Continuava a arfar, mas ninguém o ouvia — estavam todos a dormir ao sol, felizes da vida, e a trabalhar para o bronze!

O jardim ficava no topo de uma ladeira inclinada. De onde estava, o *Tim* conseguia ver a grande distância, tanto para cima como para baixo da estrada que passava perto de casa. Era uma estrada larga, mas com pouco movimento. Ouviu um cão a ladrar ao longe e virou as orelhas nessa direção; com o barulho das pessoas a andar na estrada, as orelhas voltaram a girar. Não perdia pitada, nem sequer um pintarroxo que voava para apanhar uma lagarta num arbusto, não muito longe dali. Rosnou-lhe suavemente

— só para o avisar de que estava de guarda, não fosse o passaroco ter ideias.

Depois, alguma coisa começou a descer a estrada — algo que fez o *Tim* tremer de excitação, ao farejar os estranhos cheiros que chegavam ao jardim. Uma grande procissão seguia as curvas da estrada, numa tremenda algazarra de rodas que chiavam no alcatrão — era um cortejo lento, liderado por uma coisa bem esquisita, que o *Tim* nunca tinha visto. Na verdade, tratava-se de um enorme elefante, cujo aroma, estranho e forte, não agradou nada ao cão. Também sentiu o cheiro dos macacos nas jaulas e ouviu os cães amestrados a ladrar, dentro da respetiva caravana. Respondeu-lhes logo, num tom desafiante:

— ãO-ãO-ãO!

Ladrou tão alto, que acordou imediatamente as crianças.

— Está calado, *Tim*! — ralhou a Zé, zangada. — Que ideia foi essa de fazeres tanto barulho enquanto estamos a dormir a sesta?

— ãO-ãO — continuou o *Tim*, teimosamente, arranhando a dona para a obrigar a sentar-se e a reparar no que se estava a passar.

A Zé ergueu-se e viu imediatamente o cortejo. Soltou um grito.

— Olha, vem aí o circo! Vejam!

Os outros sentaram-se, já bem despertos. Observaram as caravanas a avançar lentamente, ouviram um animal a uivar e os cães a ladrar.

— Olhem só para aquele elefante, a puxar a caravana! — exclamou a Ana. — Deve ser incrivelmente forte!

— Vamos até ao portão da frente, para ver melhor — sugeriu o David.

Levantaram-se de imediato, correram pelo jardim, contornaram a casa e pararam junto ao portão que dava acesso à estrada, mesmo a tempo de apanhar o cortejo. Era um espetáculo bem colorido: as caravanas estavam pintadas de cores vivas e pareciam muito limpas e bem cuidadas. Nas janelas havia pequenas cortinas floridas, e à frente de cada uma vinha sentado o respetivo dono ou dona, conduzindo o cavalo. Só a caravana da frente era puxada por um elefante.

— Não é fantástico? — perguntou a Zé. — Quem me dera pertencer a um circo que passasse o ano a viajar de um lado para o outro! É mesmo o tipo de vida que me agrada!

— E que farias tu num circo? — perguntou o David, algo grosseiramente. — Nem sequer consegues fazer a roda, como aquele rapaz ali!

Apontou para um rapaz que fazia acrobacias, umas atrás das outras, girando sobre mãos e pernas como uma autêntica roda. Parecia fácil, mas o David sabia bem que não era.

— Quem me dera conseguir fazer aquilo — exclamou a Ana, impressionada.

O miúdo aproximou-se e sorriu. Trazia consigo dois cães *terrier*. O *Tim* rosnou, e a Zé colocou-lhe a mão na coleira.

— Não te aproximes demasiado — avisou. — O *Tim* não está muito certo em relação a vocês!

— Descansa, que não lhe fazemos mal nenhum! — retorquiu o rapaz, voltando a sorrir.

Tinha a cara coberta de sardas, com um tufo de cabelo em desalinho.

— Não deixo que os meus cães comam o *Tim*!

— Como se fossem capazes! — começou a Zé, com desdém. Mas depois desatou a rir.

Os *terrier* mantiveram-se sempre colados aos calcanhares do rapazito. A certa altura, ele estalou a língua e os dois cães levantaram-se imediatamente nas patas traseiras e caminharam atrás dele, fazendo pequenos passos artísticos.

— Oh! Cães amestrados! — exclamou a Ana. — São teus?

— Estes dois são. Este aqui é o *Ladra* e aquele é o *Rosna*. Tenho-os desde cachorrinhos. São espertos que nem um alho!

— ão-ão — fez o *Tim*, aparentemente incomodado por ver dois cães a andar de uma maneira tão esquisita. Nunca lhe tinha passado pela cabeça que um cão pudesse caminhar só sobre duas patas!

— Onde é o vosso próximo espetáculo? — perguntou a Zé. — Adorava ir assistir!

— Agora vamos descansar. Estamos a caminho de umas colinas, onde há um lago azul ao fundo. Temos autorização para acampar lá com os animais. Como é uma zona

selvagem e isolada, não incomodamos ninguém. Acampamos lá com as nossas caravanas, e pronto!

— Parece fantástico! — disse o David. — Qual das caravanas é a tua?

— Esta que aí vem — respondeu o rapaz, apontando para uma caravana de cores garridas, que tinha as partes laterais pintadas de azul e amarelo e as rodas de vermelho. — Vivo com o meu tio Dan. É o palhaço principal do circo. Ali está ele, sentado à frente, a conduzir o cavalo.

As crianças olharam para o palhaço principal e acharam que nunca tinham visto ninguém menos parecido com um palhaço. Vestia umas calças cinzentas imundas e uma camisa vermelha, que também precisava de ver água. Não o imaginavam capaz de dizer uma única piada, nem de fazer algo remotamente engraçado. Na verdade, tinha todo o ar de ter um péssimo feitio, e, enquanto fumava um velho cachimbo, franzia o sobrolho de tal maneira que a Ana até ficou com medo. Nem olhou para as crianças, mas chamou o sobrinho numa voz brusca.

— Ned! Vem cá! Entra na caravana e faz-me uma chávena de chá!

O rapaz, que pelos vistos se chamava Ned, piscou-lhes o olho e foi a correr para a caravana. Era óbvio que o tio Dan o tratava com rédea curta. Espreitou pela pequena janela da caravana mais próxima das crianças e gritou-lhes, numa voz alegre:

— Desculpem não vos convidar para o chá! E ao cão também! O *Ladra* e o *Rosna* iam gostar de o conhecer!

A caravana seguiu em frente, levando consigo o palhaço carrancudo e o sorridente Ned. As crianças ficaram a ver o resto da companhia a passar. Era um grande circo: para além dos macacos, havia um chimpanzé, um grupo de belos cavalos, de pelo lustroso e reluzente, um grande vagão, que transportava bancos e tendas, as caravanas que serviam de casas e imensas pessoas fascinantes, sentadas nos degraus das caravanas ou caminhando em grupos, para estender as pernas. Por fim, a procissão passou, e as crianças lá foram regressando lentamente ao seu recanto soalheiro do jardim. Tinham acabado de se recostar quando a Zé disse uma coisa que os fez sentar de rompante.

— Já sei o que é que vamos fazer nestas férias! Vamos alugar uma caravana e partir por nossa conta!